

LAVÍNIA LOPES SILVA



A ILUSTRAÇÃO NA SALA DE AULA

Estudo da aplicação da ilustração no Ensino de Artes Visuais

FORMIGA

2011

LAVÍNIA LOPES SILVA

A ILUSTRAÇÃO NA SALA DE AULA

Estudo da aplicação da ilustração no Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Lincoln Volpini Spolaor

FORMIGA

2011

S586 Silva, Lavínia Lopes.
A ilustração na sala de aula, estudo da aplicação da ilustração no ensino de artes visuais : especialização em ensino de artes visuais / Lavínia Lopes Silva. - 2011.
64 f.

Orientador: Lincoln Volpini Spolaor.
Curso de especialização (Pós-graduação) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

1. Artes visuais-Estudo e ensino. I. Título.

CDD 700

LAVÍNIA LOPES SILVA

A ILUSTRAÇÃO NA SALA DE AULA

Estudo da aplicação da ilustração no Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Lincoln Volpini Spolaor - EBA/UFMG

Membro da banca: Giovanna Martins Viana – EBA/UFMG

FORMIGA

2011

Dedico este trabalho a todos os professores de artes visuais que lutam para a melhoria desta área tão importante na vida dos educandos. Que este trabalho se torne mais um apoio para eles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais esta oportunidade de crescimento pessoal.

Agradeço a meus pais pelo carinho e apoio neste importante momento de minha vida.

Ao professor Lincoln Volpini Spolaor, pela atenção, paciência e ensinamentos oferecidos.

A todos os tutores e professores, pelos ensinamentos, atenção e apoio durante todo o curso.

RESUMO

O presente estudo visa destacar o potencial da Ilustração no ensino de Artes Visuais, no Ensino Médio de Escolas Regulares. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo principal o estudo da área e as formas de aplicação da Ilustração em sala de aula. O trabalho é dividido em três capítulos: o primeiro aborda a importância e obrigatoriedade do ensino de Artes Visuais nas Escolas regulares e a utilização da ilustração, nas aulas de Arte, na atualidade. No segundo, apresenta-se conceitos, história, elementos visuais que compõem a Ilustração, técnicas e materiais, tipos existentes e ilustradores de destaque. No terceiro capítulo, é apresentado o resultado de pesquisa sobre atividades para aplicação em sala de aula, materiais de fácil aquisição e formas de avaliação do conteúdo, além de propostas de atividades.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Ensino de Artes Visuais, Ilustração, Reciclagem, Planos de aula.

ABSTRACT

This study aims to feature the potential of illustration in Visual Arts teaching, in secondary school of regular education. The bibliographic research has as main objective the study of area and application forms of illustration in classroom. It is divided in three chapters: the first one is about the importance and obligation of Visual Arts Teaching in regular schools and uses of illustration, in Art Classes, nowadays. The second chapter shows the concepts, history and visual elements that compose the illustration, technics and materials, existent types and illustrators in eminence. In third chapter, it is showed the result of research about activities for application in classroom, materials of easy acquisition and evaluation of knowledge, besides the proposal of activities.

Key- words: Art teaching, Visual Art Teaching, Illustration, Recycling, Classes Activities

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Nicho policrômico.....	28
FIGURA 2 –	Livro parisiense das horas.....	30
FIGURA 3 –	Bíblia.....	30
FIGURA 4 –	Chōbunsai Eishi, Fūryū Nana Komachi.....	32
FIGURA 5 –	Os quatro Cavaleiros do Apocalipse.....	33
FIGURA 6 –	O beijo.....	33
FIGURA 7 –	Lira Nordestina.....	34
FIGURA 8 –	The Crowing with Thorns.....	35
FIGURA 9 –	Melancolia.....	35
FIGURA 10 –	Caffè Puerto Pueblo	36
FIGURA 11 –	A rainha da neve.....	38
FIGURA 12 –	A Menina do Narizinho Arrebitado.....	39
FIGURA 13 –	A Menina do Narizinho Arrebitado.....	40
FIGURA 14 –	Arthur Rackham.....	41
FIGURA 15 –	Cinderela.....	43
FIGURA 16 –	Branca de Neve e os Sete Anões.....	43
FIGURA 17 –	Alice and Pack of Cards.....	44
FIGURA 18 –	A Caixa de Pandora.....	44
FIGURA 19 –	Renato Alarcão.....	45
FIGURA 20 –	Red Ridin’ in the Hood.....	46
FIGURA 21 –	Lanterna dos Afogados.....	47
FIGURA 22 –	Cartomante.....	47
FIGURA 23 –	A moça do arame.....	48
FIGURA 24 –	Osório Garcia.....	49
FIGURA 25 –	Quatro Olhos.....	50
FIGURA 26 –	Guerra! Por quê?.....	50
FIGURA 27 –	Bob Dylan	53
FIGURA 28 –	Travis.....	53
FIGURA 29 –	A menina do brinco de pérola.....	54
FIGURA 30 –	Calcáriu.....	54

SUMÁRIO

Introdução	11
1. O Ensino de Artes Visuais e a Ilustração	12
1.1. A Arte como disciplina.....	12
1.2. O Ensino das Artes Visuais em escolas regulares.....	13
1.3. A Ilustração no Ensino de Artes Visuais	16
2. A Ilustração como uma expressão das Artes Visuais	18
2.1. Conceitos de Ilustração.....	18
2.2. Como entender a imagem.....	19
2.3 As diferenças entre Ilustração e as artes desvinculadas de narrativa.....	20
2.4 Elementos visuais da Ilustração e o olhar.....	21
2.5 As técnicas e os materiais na habilidade de ilustrar.....	23
2.6 Materiais e técnicas	23
2.7 Tipos de ilustração	25
2.8 Breve história da Ilustração.....	26
2.8.1 Pintura rupestre.....	27
2.8.2 Iluminuras	28
2.8.3. Gravura	31
2.8.3.1 Xilogravura	31
2.8.3.2 Gravura em Metal.....	34
2.8.3.3 Litografia.....	36
2.8.4. Ilustração de livros de literatura infantil.....	37
2.9 Ilustradores reconhecidos	40
2.9.1 Internacional	41
2.9.1.1 Arthur Rackham	41
2.9.2 Nacional	45
2.9.2.1 Renato Alarcão	45
2.9.3 Municipal.....	48
2.9.3.1 Osório Garcia	48
3. O potencial didático da Ilustração	51
3.1 Motivações para a utilização da Ilustração como recurso didático	51
3.2 Levantamento de atividades para aplicação em sala de aula	52

3.3 Levantamento de materiais recicláveis de fácil acesso e utilização em sala de aula	53
3.4 Propostas de atividades de Ilustração para aulas de Arte	55
3.4.1 Promover o ilustrador local.....	55
3.4.2 A Ilustração pelo mundo.....	56
3.4.3 A Ilustração no Brasil.....	56
3.4.4 Teoria e prática da Ilustração.....	57
3.5 Formas de avaliação da aprendizagem	58
Conclusão	60
Referências.....	61

Introdução

A Ilustração é uma área das Artes Visuais muito presente na vida dos alunos, ao longo de sua jornada escolar, mas pouco explorada como forma de expressão e como maneira de entender a arte.

A Ilustração possui um grande potencial no Ensino de Artes por se utilizar de diversas técnicas e de elementos visuais, possibilitando experiências e conhecimentos importantes. Além disso, a Ilustração conta com a vantagem de despertar o deslumbramento a partir do imaginário, conquistando crianças e adultos.

Esta pesquisa propõe a aplicação da Ilustração nas aulas de Arte para alunos do Ensino Médio, que, normalmente, já possuem maior experiência artística, tanto em técnicas como em referências imagéticas, sendo uma forma de aprofundamento nas Artes Visuais.

A Ilustração é apresentada de forma ampla, em sua história, conceitos, técnicas, tipos, etc., com o intuito de guiar os interessados, facilitando o estudo do tema.

São apresentadas algumas formas de aplicação da ilustração em sala de aula, com sugestões de planos em sites educacionais.

As dificuldades relacionadas aos materiais utilizados em aula podem ser supridas, como é proposto, com materiais recicláveis, que são de fácil acesso e, sendo bem trabalhados, dão bons resultados.

Por fim, são propostas atividades para aplicação em sala de aula e respectivas formas de avaliação.

CAPÍTULO 1 - O Ensino de Artes Visuais e a Ilustração

1.1 A Arte como disciplina

“A Arte como manifestação humana está presente na vida das pessoas, tanto nas diversas formas de produção artística, como nos objetos de seu cotidiano. Além disso, é da constituição da Arte a relação com outras formas de saber, como a filosófica, a histórica, a social e a científica.” (FERRAZ; I., 2011).

Segundo Ferraz; I. (2011), a Arte, como forma de expressão exclusivamente humana, é importante e muito complexa, por estar presente nos vários momentos da vida das pessoas. Para compreendê-la, faz-se necessário estudá-la a fundo e ensiná-la, tanto aos educadores, quanto aos educandos.

Para as autoras “introduzir-se no Universo da Arte representa manter contato com uma realidade complexa, cuja constituição se processa com a concorrência de várias áreas de conhecimento, diferentes tipos de ações e um vasto conjunto de valores”. (FERRAZ; I., 2011).

Os conhecimentos sobre Arte remetem o aluno a uma visão de mundo mais consciente e crítica, resultando em jovens mais participativos na sociedade, com desenvolvimento pessoal maior e identidade cultural ampliada. A Arte pode ajudar a desenvolver também a cognição, a capacidade de aprendizagem, a sensibilidade, a percepção e a imaginação, tanto ao realizar trabalhos artísticos, quanto no apreciar e conhecer as expressões reconhecidas de diversos artistas e culturas (FERRAZ; B., 1996).

Dentro deste contexto, viu-se a necessidade do Ensino de Arte na Escola Básica, que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. A Escola Básica é da responsabilidade da Secretaria de Educação Básica, subordinada ao Ministério de Educação, o MEC. A Educação Infantil e o Ensino Fundamental são de responsabilidade do município, enquanto que o Ensino Médio é de responsabilidade do Estado (BRASIL, 1996).

A Arte foi estabelecida como área da linguagem na Lei n. 5.692/71, sendo denominada Comunicação e Expressão. Posteriormente, quando passam a vigor os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), o conteúdo passa à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (GOUTHIER, 20--)

A disciplina de Arte foi estabelecida pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que estabelece: “o Ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996).

A Arte é, então, reconhecida oficialmente como área do conhecimento humano, articulado no âmbito da sensibilidade, da percepção e da cognição. Por ser uma expressão humana, está impregnada de valores culturais e estéticos (FERRAZ; B., 1996).

A disciplina de Arte é dividida em áreas específicas, relativas às suas técnicas e modos: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. A atual pesquisa tem como foco a área das Artes Visuais (FERRAZ; B., 1996).

A pesquisa tem como foco, também, o Ensino Médio e visa levar os alunos a aprofundarem e aperfeiçoarem os conhecimentos adquiridos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, na área de Arte. Nele, o aluno já carrega certa experiência e grau de informação, permitindo-lhe a continuidade da aprendizagem de Arte e apropriar-se de outros saberes e da apreciação artística. Tendo adquirido mais conhecimentos, poderá amadurecê-los e continuar interessado em Arte, após a sua formação escolar básica (FERRAZ; I., 2011).

1.2 O Ensino das Artes Visuais em Escolas Regulares

As Artes Visuais têm importância cada vez maior na vida das pessoas, por estarem mais presentes nos meios de comunicação e pela facilidade de acesso a informações e produtos. As pessoas têm contato com imagens visuais no decorrer de todo o seu dia. Faz-se necessário compreender estas imagens, saber vê-las, admirá-las, analisá-las, “lê-las”. Para criá-las, também é preciso saber expressar-se, dar significação às imagens, conhecer os modos de produção, os instrumentos, contextualizá-las. O aluno deve desenvolver estes conhecimentos, que o ajudarão em suas escolhas e que o localizarão no campo

artístico, utilizando não só seu pensamento criativo, mas também o pensamento crítico (PIMENTEL, 200-).

As Artes Visuais compreendem formas tradicionais de Arte, como a Pintura, o Desenho, a Gravura, a Escultura, a Cestaria, a Cerâmica, a Ilustração, entre outras e as modalidades que resultaram dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade, como Fotografia, Cinema, Televisão, Vídeo, Computação, Artes Gráficas, *Performance*, Holografia e Instalações (FERRAZ; B., 1996).

“O desenvolvimento do aluno nas expressões visuais requer, então, aprendizagem de técnicas, procedimentos, informações sobre a história da arte, artistas e sobre as relações culturais e sociais envolvidas na experiência de fazer e apreciar arte”. (CENTRO VIRTUAL DE REFERÊNCIA DO PROFESSOR, 20--).

“Essas informações e experiências ao longo do tempo darão suporte ao aluno a um desenvolvimento e assimilação que poderão ser aplicados nas suas criações e produções, de acordo com os conceitos e senso crítico desenvolvidos.” (PIMENTEL, 200-).

O processo de aprendizagem deve ser desenvolvido incluindo as experiências individuais e coletivas e incorporando o cotidiano do aluno, seu universo, valores estéticos, sua cultura, suas escolhas artísticas e padrões visuais às formas de arte mais complexas (PIMENTEL, 200-).

Os conhecimentos proporcionados ao aluno devem ajudá-lo a ampliar seu repertório estético, seu interesse pela Arte, posicionando-o criticamente frente à vida artística, social e do cidadão.

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais desenvolveu uma proposta curricular para a disciplina de Arte, no Ensino Fundamental e Médio: são os Conteúdos Básicos Comuns – CBC, no intuito de orientar os professores quanto ao conteúdo da disciplina e também nos objetivos desta (PIMENTEL, 200-).

“Os objetivos colocados pelo CBC são:

- Expressar, representar ideias, emoções, sensações por meio da articulação de poéticas pessoais, desenvolvendo trabalhos individuais e coletivos.
- Construir, expressar e comunicar-se em Artes Visuais, articulando a percepção, a imaginação, a memória, a sensibilidade e a reflexão, observando o próprio percurso de criação e suas conexões com o de outros.
- Reconhecer, diferenciar e saber utilizar, com propriedade, técnicas de arte, com procedimentos de pesquisa, experimentação e discursos próprios.
- Desenvolver uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal, relacionando a própria produção com a de outros, valorizando e respeitando a diversidade estética e artística e de gênero.
- Conhecer, relacionar, apreciar objetos, imagens, concepções artísticas e estéticas – na sua dimensão material e de significação –, criados por produtores de distintos grupos étnicos em diferentes tempos e espaços físicos e virtuais, observando a conexão entre essas produções e a experiência artística pessoal e cultural do aluno.
- Frequentar e saber utilizar as fontes de documentação de Arte, valorizando os modos de preservação e restauração dos acervos, das imagens e objetos presentes em vários meios culturais, físicos e virtuais, museus, praças, galerias, ateliês de artistas, centros de culturas, oficinas populares, feiras, mercados.” (PIMENTEL, 200-).

“As estratégias sugeridas para o Ensino de Artes Visuais no Ensino Médio incluem uma revisão e aprofundamento dos estudos quanto às Artes Visuais. Abaixo são descritos os tópicos de exemplo:

1 – Percepção visual e sensibilidade estética

- Apreciação e análise formal e crítica de imagens e de objetos artísticos.
- Produção de Obras em que sejam estabelecidas relações entre: análise formal, pensamento artístico, contextualização cultural, identidade pessoal.

2 – Movimentos artísticos em Artes Visuais em diferentes épocas e diferentes culturas

- Revisão do contexto histórico e social da obra de arte através dos tempos.
- Arte contemporânea.
- Continuidade do estudo de obras de diversos artistas.
- Visitas a galerias, museus e ateliês.
- Confecções de álbuns, portfólios, etc.

3 – Elementos das Artes Visuais

- Aprofundamento dos estudos de: teoria da cor, estrutura da forma, ponto e linha, figura e fundo, luz e sombra, forma e contra-forma, espaço, ritmo, textura e movimento.
 - Criação e construção de imagens.
 - Continuidade de elaboração do glossário com termos de Artes Visuais.
- 4 – Expressão em Artes Visuais
- Expressão bidimensional. (Elaboração de obras com registros gráficos em suas diversas possibilidades).
 - Expressão tridimensional. (Elaboração de obras com registros volumétricos em suas diversas possibilidades).
 - Expressão Digital. (Estudos e criação de obras digitais, de acordo com os equipamentos disponíveis).” (PIMENTEL, 200-)

Com essas informações, o professor pode se orientar melhor nas aulas de Artes Visuais, de forma geral e de forma específica para cada tema, inclusive a Ilustração.

Não é intenção desta pesquisa discutir sobre os documentos oficiais do MEC ou da Secretaria de Educação do Estado, mas servir-se deles como referência mínima de trabalho.

1.3 A Ilustração no Ensino de Artes Visuais

A Ilustração já é trabalhada em sala de aula há um bom tempo, por meio das imagens de livros e outros suportes de texto. As ilustrações de livros didáticos e literários representam uma grande parte da referência imagética dos alunos ao longo de suas vidas. Eles são de fácil acesso, estando disponíveis nas bibliotecas públicas e escolares e como material didático. Mesmo assim, nunca se deu o real valor à Ilustração como forma de arte a ser estudada, compreendida, decodificada, trabalhada, produzida. Sua utilização ainda se dá, principalmente, de forma inadequada e sem contextualização alguma (BIBIANO, 2010).

Aos poucos, a Ilustração, como expressão visual, vem ocupando seu lugar nas aulas de Arte-Educação. Cada vez mais, professores se conscientizam sobre ela e percebem suas possibilidades didáticas. A divulgação de ideias, planos de aula e teoria da Ilustração na internet ajudam na valorização do tema.

A aplicação da Ilustração nas aulas de Artes Visuais pode atender a vários pontos da estratégia proposta por Pimentel, (200-), como despertar no aluno maior percepção visual e sensibilidade estética, ao analisar obras de ilustradores reconhecidos, ou aprender a teoria das cores de forma lúdica, a possibilidade de sair da sala de aula para visitar exposições, além de permitir trabalhar nos formatos bidimensional, tridimensional e digital.

A Ilustração é uma área que envolve todas as técnicas, materiais, expressões e elementos das Artes Visuais e trabalha com o imaginário, atraindo a atenção pela emocionalidade e deslumbramento, levando a um maior interesse pelas artes. Ela engloba uma temática muito importante e pouco explorada: a “leitura” da imagem; aprender a decodificar a visualidade.

A Ilustração é uma área complexa das Artes Visuais e permite um leque de atividades quase infinito.

CAPÍTULO 2 – A Ilustração como uma expressão das Artes Visuais

2.1 Conceitos de Ilustração

A Ilustração é uma área das Artes Visuais que tem percorrido seu próprio caminho na História, como nos lembra Oliveira R. (2008a).

Para começar a entender melhor o assunto, será útil conhecer as bases da palavra: Ilustração, do latim, *illustratione*, significa “tornar claro” (PRIBERAM, 2011). O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2011) define Ilustração como a parte artística de um texto e/ou gravura, desenho e também como comentar, esclarecer, elucidar. Desta forma, entende-se, que Ilustração é uma forma de tornar mais claro o que está escrito no texto, de facilitar sua compreensão através de imagens. Para Crush (2009), é o “ato ou efeito de iluminar ou esclarecer um assunto”. Contudo, a Ilustração é mais do que isso.

Oliveira R. (2008a) explora um pouco o tema, considerando, de forma genérica, que ilustrar é informar, persuadir ou narrar por meio de imagens.

Segundo Antunes (2011), a Ilustração parte de uma mensagem clara e definida que é, então, comunicada pelo ilustrador da forma como este a percebeu e concebeu. Ela “serve a um propósito, a uma solicitação, a um cliente ou para comunicar uma ideia ou conceitos através da linguagem não verbal”.

O National Museum of Illustration de Rhode Island, nos Estados Unidos, declara que “Ilustradores combinam expressão pessoal com a representação pictórica para transmitir ideias”. Crush (2009) diz que é uma descrição útil, mas não completa, pois não consegue capturar a essência do que o assunto é e foi.

Para Crush (2009), “a essência de uma ilustração está no pensamento – nas ideias e nos conceitos que formam a espinha dorsal do que uma imagem está tentando comunicar. O papel do ilustrador é dar vida e forma visual a um texto ou a uma mensagem”, combinando habilidades práticas refinadas e pensamento analítico.

Oliveira R. (2008a) explica que as ilustrações devem provocar a imaginação levando a um encantamento através do reconhecimento da imagem. Este reconhecimento deve se dar, não apenas no sentido de nomeá-la, mas no

sentido simbólico que ela tem, ou seja, o que a imagem representa para o espectador. Desta forma, o espectador cria uma significação pessoal para o que vê; cria um texto dentro do texto ilustrado. Tudo isso faz com que uma imagem se perpetue na memória de quem a vê. Quando a ilustração atrai o observador, ela passa a transmitir uma memória, como numa fotografia de família.

Crush (2009) concorda com Oliveira R. (2008a) ao dizer que as ilustrações que capturam a imaginação permanecem na memória do observador, sendo parte de sua história de vida. Na infância, existem os livros infantis, na adolescência, as capas de CDs e as revistas, e assim por diante, representando momentos importantes da vida do observador.

Fonseca (2011) diz que a ilustração, em determinado período da História, vinha como um enfeite, uma decoração do que era escrito. A ilustração hoje é vista como uma outra “linguagem” e possui elementos diferentes. Ela, juntamente com o texto, forma uma obra como um todo.

Oliveira R. (2008a) defende que ilustrações, no caso, as de livros infantis, devem conter arte, feitas por quem conhece os princípios e a estrutura visual de uma ilustração.

Por fim, segundo Oliveira R. (2008a), “a ilustração deve ser profundamente verbal, sem jamais recorrer à verbalização para explicar seus objetivos”. Ela fala, mas não tem voz, ela será vista e sentida a partir da abstração do leitor.

2.2 Como entender a imagem

A imagem, como foi criada pelo ilustrador, deve passar por uma “leitura” visual por parte do espectador. Esta percepção acontece, às vezes, de forma subconsciente. Quando o espectador aprende acerca da ilustração, sua leitura é mais efetiva; além disso, ele pode passar a valorizar mais cada parte da composição, e a Arte de forma geral (OLIVEIRA R., 2008a).

Fonseca (2011) explica que muita gente olha a ilustração sem ver. Ela afirma que é necessário entender quais os propósitos que um ilustrador tem, ao fazer uma imagem; o motivo dele fazer de um jeito e não de outro.

Oliveira R. (2008a) explica que, para uma boa “leitura” da imagem, é necessário entender e valorizar os espaços em branco, as letras, as cores, a diagramação onde está inserida a ilustração e a relação entre texto e imagem.

Outro ponto, são as questões estruturais, como o ritmo, a linha, a textura, a composição, entre outros elementos.

Não existe uma forma de “leitura” rígida, nem existe um manual, gramática ou receita. A percepção da imagem nunca será exata, sendo, em geral, parcial. Contudo, ela pode mostrar a direção e ser mais proveitosa do que costuma aparentar (OLIVEIRA R., 2008a).

A interpretação da imagem é pessoal e conta com o imaginário, com as memórias e com os conhecimentos do observador. O gosto pessoal também interfere na decodificação da imagem (OLIVEIRA R., 2008a).

Não se dá muita ênfase ao ensino da análise de imagens nas escolas, mas, segundo Oliveira, ela pode ser treinada, trabalhada. Existe muita dificuldade no estudo do tema, por parte dos professores, pois faltam materiais de referência, tanto bibliográfico quanto em imagens impressas de qualidade.

Segundo Castanha (2008), “A escola pode ser também espaço para, no mínimo, desenvolver o interesse por outras linguagens, o que certamente contribuirá para que seus alunos se tornem leitores mais críticos e observadores, não só de textos e imagens, mas de um conjunto de formas expressivas e do próprio mundo em que vivem.” Dentro deste contexto, a Ilustração constitui uma ótima forma de desenvolvimento.

Por fim, Oliveira R. (2008a) diz, sobre a “leitura” da imagem, que não somos juízes das ilustrações, mas intérpretes.

2.3 As diferenças entre Ilustração e as artes desvinculadas de narrativa

A Ilustração utiliza, como meios, os vários tipos de técnicas visuais, como a pintura, o desenho, a escultura, a fotografia, ilustração digital, entre outros. O que a faz diferente destes?

A Ilustração se assemelha às outras Artes Visuais, por seus suportes, técnicas e materiais, mas ela se diferencia pelo fato de que deve atender a uma narrativa, a uma ideia resultante de uma encomenda. Na encomenda, por vezes, o solicitante ainda escolhe a técnica e o estilo de traço a serem utilizados, restringindo ainda mais a liberdade do artista na criação.

Do contrário, as outras artes, não precisam atender a um propósito, a uma narrativa, nem precisam ser, necessariamente, figurativas. Elas se caracterizam pela liberdade e expressividade do artista (ANTUNES, 2011) (OLIVEIRA R., 2008 a).

A Pintura, por exemplo, como cita Antunes (2011), ainda conta com a sensibilidade do espectador, que a interpreta como quiser. A Ilustração, geralmente, possui um roteiro que conduz o leitor através de um caminho.

Oliveira R. (2008 a) observa a questão de uma arte visual, como a Pintura, por exemplo, só oferece a fruição completa ao ser analisada ao vivo, enquanto que a Ilustração é feita para ser reproduzida em livros, revistas, jornais, cartazes, entre outros.

Antunes (2011) destaca que não é pelo fato de a Ilustração ser feita sob encomenda que ela deixa de ser uma obra de Arte. Ela representa uma “outra forma de expressão dentro das Artes Plásticas”.

Não é possível definir, precisamente, as diferenças entre uma lustração e outras artes visuais. Elas são questionáveis, porque uma arte visual também pode ser feita sob encomenda ou pode se transformar em uma ilustração, num momento futuro. Além disso, existem artistas que trabalham com a mesma temática por um longo tempo, ou por toda a vida, o que acaba se tornando uma narrativa.

2.4 Elementos visuais da Ilustração e o olhar

Como foi visto, para se fazer uma boa reflexão sobre uma ilustração, é importante conhecer alguns elementos que a compõem.

Biazetto (2008) diz que o leitor percebe a ilustração por meio do olhar. Na ilustração, existem elementos que conduzem o olhar do leitor pela imagem. As partes fundamentais da obra são a superfície, a linha, o volume, a luz e a cor. Abaixo, são descritos os elementos citados por ela.

A linha é um elemento importante na Ilustração. Ela pode servir para orientar o olhar do leitor, indicando o caminho a seguir na imagem. Também pode representar movimento, ritmo. Ela pode ser um contorno, isoladamente, ou, se agrupada, formar superfícies, representando sombra e volume”.

A superfície é um espaço bidimensional, com altura e largura, que o olhar percorre nos dois sentidos.

A ideia de volume dos corpos é representada, no espaço bidimensional, por meio de técnicas de perspectiva, cores, luz e sombra.

A luz é um elemento que dá forma às imagens, através da variação de claro e escuro. Essas áreas claras e escuras proporcionam a ideia de ritmo.

A cor é um elemento muito atrativo. Para se colocar bem as cores numa ilustração, é necessário o estudo da Teoria das Cores. As cores se relacionam umas com as outras e com os outros elementos da composição, produzindo sensações e significados (OLIVEIRA R., 2008a).

Biazetto (2008) explica que a cor auxilia na narrativa, dando dramaticidade, vibração, ambientação, chamando atenção para um ponto importante, proporcionando visualização e clareza na composição.

Oliveira R.(2008a) expõe que, tanto a ilustração em preto e branco, quanto a colorida, têm seu valor.

Existem outros elementos na expressão pictórica, segundo Oliveira R. (2008a). São eles: a tonalidade, a saturação e a luminosidade.

Nenhum elemento tem prioridade numa composição; eles se relacionam e se ajudam para obter um resultado maior.

Outros aspectos constitutivos da ilustração, segundo Oliveira (2008), são o cenário e o uso da perspectiva, o espaço físico, o ritmo e a composição.

Descrevendo, em poucas palavras, o cenário é a cena observada, que é descrita pelo texto e, através da perspectiva, cria um drama narrativo, permitindo um deleite pela cena.

O ritmo “é algo inerente a tudo o que está vivo e se movimenta”. Ele leva a imagem a uma plenitude de descrição, desperta o interesse do olhar, intencionalmente, através de formas e do movimento destas (OLIVEIRA R., 2008a).

O ritmo possibilita a fruição da ideia e do texto, colocando-os em sequência, bem como estabelece harmonia entre todos os elementos da composição, textos, imagens e até espaços vazios (OLIVEIRA R., 2008a).

A composição, assim como o ritmo, atua no equilíbrio dos elementos de uma imagem. Segundo Oliveira R. (2008 a), ela harmoniza “os espaços vazios, os tons, as luzes, os contrastes entre as formas, as direções dos desenhos” A

composição os relaciona uns com os outros. Ela favorece a narrativa, permitindo a visualização leitura sequencial das imagens.

Existem muitos tipos de composição, segundo Loomis (1947): as composições com linhas informais, composições em formas geométricas, composições em formas de letras e símbolos, composição com linhas em movimento, a composição com o princípio da balança, onde se considera o peso, com uso da subdivisão formal para a composição simétrica e a subdivisão criativa e não mecânica; há, ainda, a composição com base nas linhas da perspectiva. Podem ser usadas, também, composições com “caminhos” que conduzem os olhos do observador através de linhas e dispositivos de atenção. Todas estas formas de composição permitem a confecção de ilustrações harmônicas, equilibradas, e que conduzem os leitores e observadores através das suas ideias e pontos importantes.

2.5 As técnicas e os materiais na habilidade de ilustrar

Um ilustrador deve conhecer os diferentes tipos de materiais e os segredos de manuseá-los, de prepará-los, misturá-los e aplicá-los. Deve conhecer suas possibilidades, experimentá-las e criar novas formas de utilização. O ilustrador deve, também, dominar a técnica ou as técnicas que pretende empregar em suas obras. Desta forma, suas ideias podem fluir mais naturalmente, além da qualidade nos resultados ser melhor (CRUSH, 2009).

Existe uma infinidade de materiais que podem ser utilizados numa ilustração. Com o tempo, cada ilustrador encontra os materiais com os quais tem afinidade. Para desenvolver a habilidade, é necessário muito treino e experimentações, além de intuição (CRUSH, 2009).

2.6 Materiais e técnicas

As marcas de materiais são muitas. É necessário que o ilustrador experimente várias possibilidades e veja quais se adaptam melhor aos seus métodos de trabalho. Crush (2009) diz que “experimentando essas ferramentas e outras disponíveis, você descobre utilidades novas e inesperadas, que levam a

técnicas singulares, baseadas no processo, que são realmente pessoais para o ilustrador.”

As técnicas de ilustração mais comuns são: acrílica, guache, aquarela, óleo, colagens, gravura, mistas, texturas diversas, materiais tridimensionais, lápis de cor, canetas hidrográficas, nanquim, gravuras, entre outras. Nas técnicas digitais, pode-se citar a colorização digital, o vetor, a ilustração 3D, entre outras (OLIVEIRA R., 2008a).

A seguir, são citados alguns materiais analógicos utilizados na Ilustração: o lápis de desenho com minas variadas, a lapiseira, também com minas e cores variadas, lápis de cor, borracha macia, lápis-borracha, bastões de carvão vegetal, giz de cera, pastel oleoso, pastel seco, nanquim em várias cores, caneta-tinteiro longa com bico-de-pena, canetas nanquim descartáveis, tintas de várias cores e tipos como a acrílica, o óleo, o guache, a aquarela e em aerossol, pincéis de várias larguras e formatos, suportes variados, como papéis de cores, texturas e gramaturas diferentes, e telas de tamanhos e formas variadas, diluentes, solventes, canetas marcadoras de várias espessuras e cores, régua, fita multiuso, fita crepe, fita dupla-face, estilete, lâminas para estilete, bisturi, lâminas para bisturi, tesoura para papel e tesoura para tecido, cola para papel, cola em bastão, estênceis para fontes feitas à mão, letras de decalque, para aplicar texto a imagens analógicas, massinhas coloridas, papelão, jornais e revistas para colagens, tecido com cores e texturas variadas, livros, revistas ou outras publicações para referência, pastas para transporte de ilustrações, entre outros materiais (CRUSH, 2009).

Para a ilustração digital, utilizam-se materiais básicos, como computador, *scanner*, impressora, câmera, *pen drive*, disco rígido externo para armazenamento de dados, CD, DVD, alguns aplicativos de *software* da área, navegador para internet, internet, mesa digitalizadora com caneta, entre outros (CRUSH, 2009).

Além desses materiais e equipamentos, mesa, cadeira, armários para manusear, utilizar e guardar os materiais.

2.7 Tipos de ilustração

Existem vários tipos de ilustração e é importante conhecê-los para se compreender melhor a dimensão da área da Ilustração.

De acordo com Mota (2008), os principais tipos de ilustração existentes são: jornalística e publicitária. Ele as subdivide da seguinte forma:

1. Jornalística
 - Charge
 - Caricatura
 - Cartum
 - Mancha de caso policial
 - Ilustração de matéria
 - Infográfico
 - Vinheta
 - Rodapé
 - Tira de jornal
 - Infantil
 - Infanto-juvenil
 - Adulta
 - Didática
 - História em quadrinhos
 - Infantil
 - Juvenil
 - Adulta
 - Ilustração científica
 - Botânica
 - Biológica
 - Astronômica
 - Paleontológica
 - Mecânica
 - Tecnológica
2. Publicitária
 - *Layout*
 - Mancha de anúncio
 - Mancha de *Storyboard*
 - *Layout*/estudo para ilustração

- Arte Final
 - Estilizada
 - Vetorial
 - 3D
 - Hiperreal
 - Autoral
 - Cômica
 - Infantil
- Vinheta
- Logotipo
- Personagem
- Animação
 - Clássica
 - Cômica
 - Realista
 - Estilizada
 - 3D
 - Realista
 - Cômica
 - Estilizada
 - Hiperreal

Cada tipo de ilustração é criado para atender às necessidades, desejos e gostos de cada tipo público. Os livros de literatura infantil, por exemplo, têm o traço voltado para a criança, com cores vivas e atraentes.

Cada ilustrador segue a área de Ilustração a que melhor se adequa. Alguns ilustradores trabalham com mais de um modo de ilustrar.

2.8 Breve história da Ilustração

Não se sabe, com exatidão, quando foram feitas as primeiras ilustrações, principalmente considerando-se as definições hoje existentes. Alguns autores consideram que a História da Ilustração começa na Pré-história, com as pinturas rupestres.

Mais tarde, no Egito, surgem as chamadas iluminuras, ilustrações feitas em pergaminhos, que serviam para registrar acontecimentos. Na Grécia e Roma, as

iluminuras adquirem um novo papel: elas são descritivas e voltadas para o uso da Ciência (FREITAS, 20--).

Na Idade Média, as iluminuras são largamente usadas nos manuscritos da Igreja, servindo para divulgar os ideais da religião à população analfabeta.

As gravuras surgem no Oriente e ganham a Europa, na Idade Média. Elas são as primeiras formas de impressão (FREITAS, 20--).

No Renascimento, a Ilustração está voltada para a Ciência, com um desenho técnico (FREITAS, 20--).

Freitas (20--) explica que, com o aparecimento de técnicas de impressão de imagens cada vez mais evoluídas, a Ilustração ganha mais espaço na área editorial. As gravuras são muito utilizadas neste período.

Com o surgimento da Fotografia, a Ilustração ganha uma liberdade maior de expressão, por não precisar ser realista, permitindo aos ilustradores explorarem mais a imaginação (FREITAS, 20--).

No início do século XX, avanços na forma de impressão, da produção de tintas, de novos papéis, da impressão em meio-tom, além de novas formas de acabamento, possibilitam cada vez mais a reprodução de ilustrações. “A Ilustração passa a ser reconhecida como arte comercial”. (FREITAS, 20--).

Com o surgimento do computador, da computação gráfica e da mídia digital, abrem-se novos campos de atuação para o ilustrador. As possibilidades técnicas são inúmeras e as facilidades também. A qualidade das ilustrações e impressões é cada vez maior (FREITAS, 20--).

2.8.1 Pintura rupestre

Acredita-se que a História da Ilustração tenha seu início nas pinturas rupestres. Rupestre vem do francês e designa gravação, traçado ou pintura sobre um suporte rochoso, utilizando-se diversas técnicas. É considerada a expressão artística mais antiga da humanidade, sendo que os exemplos mais importantes são de 30 a 40 mil anos atrás. Eram realizadas nas cavernas e grutas que serviam de abrigo, ou em rochas ao ar livre. Existem entre 350 e 400 mil sítios arqueológicos em todo o mundo (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte Visuais, 2011).

Ainda existem dúvidas sobre os motivos que levaram os homens a fazerem as pinturas. Alguns especialistas criticam o uso do termo arte a elas aplicado, por não acreditarem que tivessem sempre um sentido estético. De qualquer forma, acredita-se que ilustravam sonhos, cenas do cotidiano, narrativas, eventos e mitos. O repertório das pinturas compreendia temas considerados universais. Em cada lugar e época, as formas variam: rituais e cerimoniais religiosos e profanos, fertilidade, controle do tempo, “assinaturas”, “afirmação de presença”, caça, coleta, danças, lutas, sociedades complexas, entre outras (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte Visuais, 2011).

No Brasil, os melhores exemplos de pinturas rupestres são as do Parque Nacional da Serra da Capivara, no estado do Piauí. Na Toca do Boqueirão da Pedra Furada, existe um nicho policrômico (FIG. 1), com pinturas de animais, pessoas, entre outras imagens (FUMDHAM, 2011).



FIGURA 1 - Nicho policrômico
Fonte: <http://www.fumdam.org.br/pinturas.asp>

2.8.2 Iluminuras

Inicialmente, os Egípcios desenhavam gravando em pedras. Posteriormente, criam o suporte de papiro, o que possibilitou desenhar e escrever de forma mais rápida que na pedra. Seus desenhos tinham o objetivo de registrar

acontecimentos da época (FREITAS, 20--). Esses desenhos são chamados de Iluminuras.

O termo Iluminura designa ilustrações executadas em pergaminhos, para adornar antigos manuscritos e livros, originais ou traslados. Estas ilustrações eram efetuadas com recurso ao desenho e à pintura, utilizando-se pena e tinta preta ou em cores, ou em aquarela opaca ou transparente, sobre suporte de papiro, e também a tinta à têmpera, sobre pergaminho. Às vezes, utilizava-se ouro em folha para dar um efeito brilhante (PORTAL EMDIV, 2011).

Iluminura foi uma arte popular na Europa, sendo utilizada até a descoberta da imprensa. Na Grécia e Roma possui uma função descritiva, ganhando importância nas áreas da ciências, como a medicina, arquitetura e topografia (FREITAS, 20--).

Na Idade Média, as Iluminuras ficaram a serviço da religião, sendo usadas, essencialmente, por monges do clero, para ilustrar os documentos utilizados nos ensinamentos cristãos à população analfabeta. Os temas eram cenas bíblicas e santos (FREITAS, 20--).

No século I d.C., as Iluminuras eram utilizadas em livro de placas ou tábuas presas na lombada; já no século V d.C., com uma divulgação mais ampla, tomam novas feições. A princípio, eram restritas às letras iniciais capitulares e vinhetas em margens ou cercaduras, decoradas com simples ornamentos ou cenas. Com o tempo, passam a interromper o texto e, às vezes, ocupavam toda a página, para ilustrar o texto justaposto. Entre os séculos VII e VIII d.C., alcançaram-se níveis artísticos extraordinários, sobretudo nas Ilhas Britânicas. A Iluminura segue por várias épocas, até o século XV, momento em que aparece em inúmeros manuscritos profanos (PORTAL EMDIV, 2011). A iluminura da figura 2 faz parte do Livro Parisiense das Horas. É feita em pergaminho e datada de 1405 – 1410. Está no Museu Britânico, em Londres. É um exemplo de Iluminura que ocupa toda a página do livro e é ornada com uma infinidade de detalhes, possuindo um nível artístico avançado (WERNER, 2011).

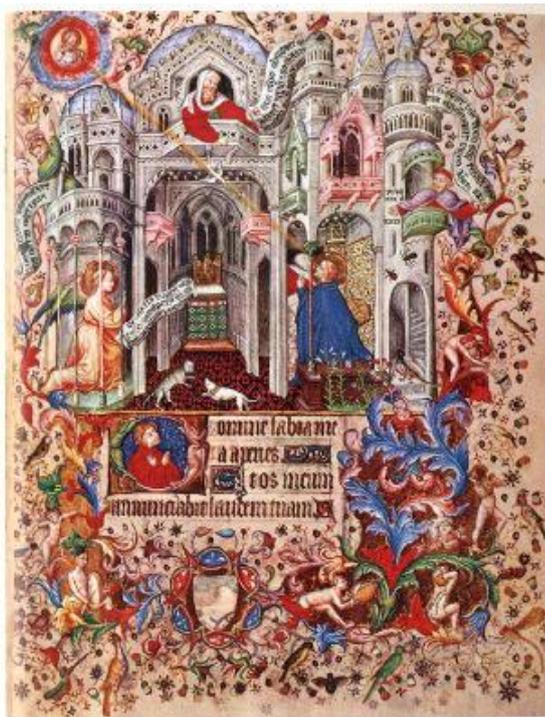


FIGURA 2 - Livro parisiense das horas

Fonte: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/gotico_iluminuras.htm

A figura 3 apresenta outro exemplo de iluminura de página inteira, com nível artístico avançado e grande quantidade de detalhes. Foi feita sobre pergaminho, e datada de 1252 – 1270. Sua temática é religiosa, sendo parte da Bíblia . Está no Museu da catedral em Toledo (WERNER, 2011).

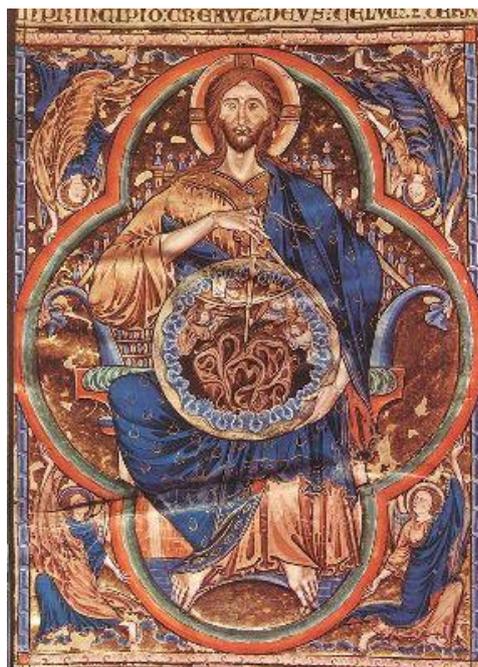


FIGURA 3 - Bíblia

Fonte: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/gotico_iluminuras.htm

2.8.3. Gravura

A fabricação do papel pelos chineses, no século VI a.C., propiciou o desenvolvimento da Cultura. A invenção da imprensa, por Gutenberg, em 1438, dá, juntamente com a introdução do papel na Europa Medieval, um impulso fabuloso neste desenvolvimento, possibilitando a propagação da informação através da reprodução de livros e jornais e a disseminação da ilustração (Centro Virtual de documentação e referência Oswaldo Goeldi, 2011).

Desde o Renascimento até a invenção da Fotografia, a Gravura foi o método de ilustração e reprodução de imagens mais utilizado. Gravura é a técnica que consiste em realizar uma série de incisões sobre uma matriz, onde se aplica tinta uniformemente, aplicando-a, posteriormente sobre um papel, para se obter uma imagem. A partir da matriz, é possível reproduzir inúmeros exemplares (SABOIA, 2011).

2.8.3.1 Xilogravura

A Xilogravura é o tipo de gravura mais antiga e se desenvolveu na China. Pode ser denominada também como gravura em relevo. A matriz da xilogravura é de madeira entalhada, de forma a se obter relevos. A impressão pode ser manual ou através de prensa ou prelo. Ela pode ser alterada ao ser impressa novamente (SABOIA, 2011).

O primeiro exemplar de impressão em xilogravura é datado de 770 e tem o título de “Os milhões de charmes do Imperador Shotoku”. A primeira xilogravura apresentando ilustrações intitula-se “Senmen Koshakio”, sua temática é religiosa, e data do Séc. XI. d.C.. Mais tarde, no séc. XVIII d.C., surge no Japão, o estilo *uyko-e*, com cenas da vida cotidiana (FIG. 4), feitas em tinta preta e coloridas a mão (SABOIA, 2011).



FIGURA 4 - Chōbunsai Eishi, Fūryū Nana Komachi
Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/51275576/9/Gravura-em-Metal-%E2%80%93-Tecnicas>

Durante séculos, os japoneses produziram xilogravuras de extrema beleza, que só foram conhecidas pelos europeus mais tarde, no século XIX. Na Europa, as primeiras xilogravuras aparecem aproximadamente em 1418 (SABOIA, 2011).

O alemão Albert Dürer criou inúmeras gravuras, dentre elas uma série intitulada “Apocalipse” (FIG. 5). Suas obras têm riqueza de detalhes e expressividade nos traços (SABOIA, 2011).



FIGURA 5 - Os quatro Cavaleiros do Apocalipse
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavaleiros_do_Apocalipse

Edward Munch, artista norueguês, expressionista, do século XIX/XX, também utilizou a xilogravura para criar suas imagens (FIG. 6) (SABOIA, 2011).



FIGURA 6 - O beijo
Fonte: <http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=agravura>

No Brasil, existem inúmeros artistas que se expressam por meio da xilogravura. Uma importante vertente brasileira da xilogravura como ilustração é a xilogravura de Cordel. Ela ilustra hábitos, poesias populares e tradições da Cultura brasileira, muitas vezes, ligada à crítica social e política. Essas peças são produzidas no Nordeste Brasileiro e ilustram a Literatura de Cordel (FIG. 7) (SABOIA, 2011).



FIGURA 7 - Lira Nordestina

Fonte: <http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=agravura>

2.8.3.2 Gravura em Metal

A Gravura em Metal, é entalhada usando objetos pontiagudos para fazer incisões, denominando-se talhadas as áreas que recebem tinta. São utilizados papéis especiais e rolos cilíndricos giratórios para a impressão (SABOIA, 2011).

Os povos da Mesopotâmia, os egípcios e os gregos executavam gravações em metais, vidros e em outras superfícies, mas não se sabe quem teve a ideia de fazer impressões a partir dessas gravações, pela primeira vez. A primeira gravura em metal da qual se tem notícia é datada de 1446, intitulada *Christ crowned with thorns*. Apenas uma cópia existe atualmente (FIG. 8) (SABOIA, 2011).

2.8.3.3 Litografia

A Litografia é um método de impressão plana, que utiliza como matriz pedra porosa – o calcário ou o silício. O desenho na pedra é feito com giz de cera, sobre o qual se passa o rolo com uma tinta gordurosa, que adere às partes desenhadas e é repelida pelas áreas sem desenho (SABOIA, 2011).

A litografia foi inventada por Alois Senefelder, um austríaco, no final do século XVIII. Ele mesmo explica o novo método e afirma que sua descoberta se deu por acaso. Ninguém lhe deu muito crédito, mas coube a ele a glória da descoberta, que é a origem do processo de impressão em *off-set*, usada em livros, revistas, jornais, cartazes, entre outros, já que esta surgiu à partir da litografia (SABOIA, 2011).

Nos séculos XIX e XX, foram criados, com o processo da litografia, vários cartazes e estampas de livros, como na figura a seguir (FIG. 10).

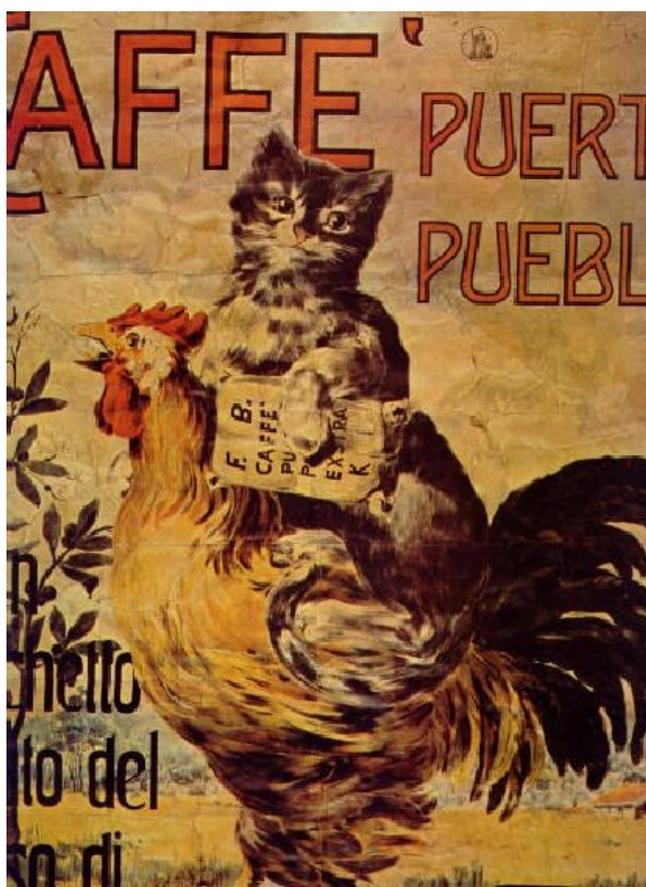


FIGURA 10 - Caffè Puerto Pueblo

Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/51275576/9/Gravura-em-Metal-%E2%80%93-Tecnicas>

2.8.4 Ilustração de livros de literatura infantil

Segundo Freitas (20--), os livros voltados especificamente para crianças só surgiram no século XVIII. Até então, os livros eram dedicados ao público em geral, como é o caso das obras *Fábulas de La Fontaine* de 1668 e 1694 e os *Contos da Mamãe Gansa*, de Charles Perrault (1697), lançados na França.

Com o sucesso dos contos de Perrault, a literatura infantil ganha espaço, principalmente nos contos de fadas, mas é na Inglaterra que ganha força como produto de consumo, pela abundância de matéria-prima, pelo comércio do país e seu desenvolvimento, resultante da Revolução Industrial. Outro fator importante para a aparição da literatura infantil é o surgimento de uma classe média, a chamada burguesia, que tinha poder de compra. Todos estes fatores permitiram que os livros infantis fossem comercializados e difundidos (FREITAS, 20--) (OLIVEIRA R., 2008b).

Neste período, o livro infantil começa a ganhar códigos e convenções em sua visualidade, como explica Oliveira R.(2008b), que duram até hoje. Os livros e as ilustrações ainda eram conservadores, caracterizadores da época.

Os processos educacionais dessa época levam a sociedade a ver a criança de uma maneira diferente. A criança não é mais vista como um adulto pequeno, mas como um ser frágil e possuidor de necessidades próprias dessa fase da vida, e a escola deve prepará-la para a vida adulta. Surgem os brinquedos, o livro infantil, a psicologia infantil, a pedagogia (OLIVEIRA R., 2008b).

O livro infantil, como produto, precisava de um público leitor, daí a necessidade da alfabetização e a relação do livro com escola, e uma postura pedagógica (FREITAS, 20--).

O desenvolvimento das formas de impressão, nesta época, fiéis aos originais, levou a uma incrementação das artes, pois as obras de artistas puderam ser conhecidas por toda a Europa, através de imagens impressas, como é o caso das obras de Pedro Paulo Rubens (1577-1640). Apareceram, também, outras formas de arte como os cartazes, o cinema à partir de fotografias, além do livro (OLIVEIRA R., 2008b).

A impressão colorida torna-se frequente, a partir da metade do século XIX, com a utilização da cromolitografia. Em 1843, já era possível imprimir com cinco ou mais cores, graças ao americano Jonh Bufford (OLIVEIRA R., 2008b).

Clássicos da literatura são adaptados para as crianças, como “Robson Crusóé” em 1717, de Daniel Defoe, e “Viagens de Gulliver”, em 1726, de Jonathan Swift (FREITAS, 20--).

No início do século XIX, surgem as obras ilustradas dos irmãos Grimm (1812), que são adaptações de histórias folclóricas. “A Bela Adormecida”, “Os sete anões e a Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Joãozinho e Maria” são alguns dos contos. Hans Christian Andersen, escritor dinamarquês, faz publicações que o tornariam mundialmente conhecido: “O Patinho Feio”, “A roupa nova do imperador”, “A Pequena Sereia”, “O Soldadinho de Chumbo”, entre outros. A figura 11 é uma ilustração de Edmund Dulac, do livro “A rainha da neve” de Hans Christian Andersen (FREITAS, 20--).



FIGURA 11 - A rainha da neve
Fonte: <http://www.subtlebody-images.com/edmund.dulac/ed.stories.html>

Jules Verne publica “Cinco semanas num balão” em 1857, Lewis Carol publica “Alice no País das Maravilhas” em 1863, Condessa de Ségur publica “As meninas exemplares” em 1857. O gênero infantil se consolida e se espalha pelo

mundo. A cada ano, apareciam novos títulos que eram traduzidos e exportados (FREITAS, 20--).

No Brasil, a literatura infantil foi inicialmente importada, e somente no século XX é que aparece a literatura brasileira para crianças. As primeiras obras são “Contos Infantis”, em 1886, de Júlia Lopes de Almeida e Adelino Lopes Vieira. Em 1904, Olavo Bilac e Coelho Neto lançam “Contos Pátrios”. O patriotismo, civismo e moralismo prevalecem na literatura infantil (FREITAS, 20--).

Em 1912, Monteiro Lobato publica “Narizinho Arrebitado”, ilustrado por Voltolino, e, em seguida, dedica-se à literatura infantil (FIG. 12 e 13). Posteriormente, José Lins do Rego, Érico Veríssimo e Graciliano Ramos tratam de temas inusitados em livros voltados às crianças (FREITAS, 20--).



FIGURA 12 - A Menina do Narizinho Arrebitado

Fonte: <http://fichinhasdelivros.blogspot.com/2011/06/monteiro-lobato-menina-do-narizinho.html>



FIGURA 13 - A Menina do Narizinho Arrebitado

Fonte: <http://alicensations.blogspot.com/2011/01/alices-adventures-in-books-of-monteiros.html>

Na década de 30 e 40, com a ditadura, muitas mudanças acontecem e livros com temáticas de fantasia são considerados impróprios para crianças (FREITAS, 20--).

Somente em 1934, a educação é obrigatória no Brasil. (OLIVEIRA R., 2008b)

Na década de 50, os meios de comunicação passam por um advento e massificação da imagem. Na década de 70, o gênero infantil adquire qualidade, criatividade. Alguns títulos desta época são “História ao Contrário” de Ana Maria Machado, e “A fada que tinha ideias”, de Fernanda Lopes de Almeida. Os temas ampliaram-se abordando ficção científica e histórias policiais em cenários urbanos contemporâneos (FREITAS, 20--).

Nos últimos anos, são abordados temas universais e regionais. Redescobre-se o fantástico e o imaginário (FREITAS, 20--).

2.9 Ilustradores reconhecidos

Existem inúmeros ilustradores que têm seu trabalho reconhecido em nível mundial, nacional ou ainda em nível regional. Para estudá-los, o professor pode considerar o estilo que utilizam em suas ilustrações ou o tipo de mercado que atendem. Também podem ser estudados por períodos históricos.

Como existem inúmeros ilustradores, foi necessária a seleção de alguns para este trabalho. Foram selecionados três, um internacional, um nacional e um municipal.

2.9.1 Internacional

O ilustrador internacional escolhido para este estudo, Arthur Rackham, representa os ilustradores que receberam reconhecimento mundialmente, com trabalhos significativos, historicamente, e também pela qualidade e criatividade.

Arthur Rackham é uma figura importante na história da Ilustração, sendo que sua atuação coincide com a época em que o livro infantil ganha força como produção cultural.

2.9.1.1 Arthur Rackham



FIGURA 14 - Arthur Rackham

Fonte: <http://pinpolhices.blogspot.com/2010/05/arthur-rackham.html>

Arthur Rackham (FIG. 14), nasceu em Londres – Inglaterra, em 1867. Vem de uma família de doze filhos. Estudou na *City of London School*, onde ganhou prêmios e reputação com sua arte. Quando tinha 18 anos, se tornou escriturário na *Westminster Fire Office* e estudava na *Lambeth of School of art*, em seu tempo livre (VADEBONCOEUR, 2011).

Segundo Vadeboncouer (2011), Rackham seguiu os passos dos ilustradores Randolph Caldecott, Walter Crane e Kate Greenaway. Ele foi o único com maior senso de fantasia, mistério e magia, apesar de sua formação convencional. Admirava os artistas, amava o desenho e sonhava ser ilustrador.

Seu trabalho foi árduo e metódico e não-espontâneo. Era cuidadoso no seu planejamento (MINH, 2011).

Em 1892, deixa seu emprego na *Westminster Fire Office* para seguir carreira de ilustrador. Conseguiu emprego na revista semanal *The Westminster Budget*, como repórter e ilustrador. Suas primeiras tentativas de ilustração em livros não demonstraram seu futuro estilo. A cada livro, trabalhava duramente para atingir o que desejava de sua ilustração, ainda segundo (VADEBONCOEUR, 2011).

Seu primeiro livro foi publicado em 1893, e contava também com trabalhos de vários outros ilustradores. Suas ilustrações foram, na maioria, reutilizadas por revistas ou livros. O primeiro livro exclusivamente seu foi lançado em 1896. O segundo foi *In the Evening of his Days*, seguido de *Bracebridge Hall* e muitos outros (VADEBONCOEUR, 2011).

Segundo Minh (2011), Rackham casou-se em 1900, com a pintora Edyth Starkie e, coincidentemente, após a união, sentiu-se encorajado a seguir sua inclinação natural para desenhar mundos de fantasia e magia. Lança naquele ano “Contos dos Irmãos Grim”, em que relembra a própria infância. Com uma ilustração colorida e cinquenta e cinco em preto e branco. Este livro foi um grande sucesso, tendo sido impresso duas vezes. Em 1909, ilustrou-o novamente, com quarenta imagens coloridas e cinquenta em preto e branco. Nas imagens coloridas, utilizava aquarelas e tinta nanquim.

Com as melhorias de impressão em cores, passa a trabalhar em ilustrações mais refinadas e não em grandes quantidades. Seu trabalho ganha valor financeiro e artístico (MINH, 2011).

Em 1905, contribuiu para o livro *Rip van Winkle*. Suas artes finais foram colocadas em exposição e quase todas vendidas. As ilustrações para o livro “Peter Pan em Kensington Gardens”, em 1906, trouxeram-lhe fama internacional (MINH, 2011).

Apesar do sucesso, Rackham nunca perdeu seu jeito quieto e despretensioso, seu amor por magia e a vontade de beneficiar as crianças com suas ilustrações (MINH, 2011).

Após a Primeira Grande Guerra, seus livros tiveram maior saída na América. Sempre buscou novos desafios em seu estilo. Ilustrou “Cinderela” (FIG. 15) em 1919 e “A Bela Adormecida” em 1920, usando o processo de silhuetas.

Experimenta linhas e cores em “Contos de Fadas da Irlanda”, em 1920, e a “Tempestade”, em 1926. Ilustrou também “Alice no País das Maravilhas”, (FIG. 17), “Branca de Neve e os sete anões” (FIG. 16), “A caixa de Pandora” (FIG. 18) e “Ventos nos Salgueiros”, considerados clássicos. Rackham considerou um presente ilustrar “O Vento nos Salgueiros” e o terminou poucas semanas antes de sua morte, em 1939. O livro foi publicado postumamente (MINH, 2011).

Seu trabalho singular, único e distintivo, com suas linhas sinuosas, cores suaves, tornaram Rackham um ilustrador inesquecível.



FIGURA 15 - Cinderela

Fonte: <http://fadadacaixinhademusica.blogspot.com/2007/09/cinderela-por-arthur-rackham.html>



FIGURA 16 - Branca de Neve e os Sete Anões

Fonte: <http://desfabulacoes.blogspot.com/2011/04/ilustracoes-arthur-rackham.html>



FIGURA 17 - Alice and Pack of Cards

Fonte: http://www.allposters.com.br/-sp/Alice-and-the-Pack-of-Cards-posters_i1249457_.htm

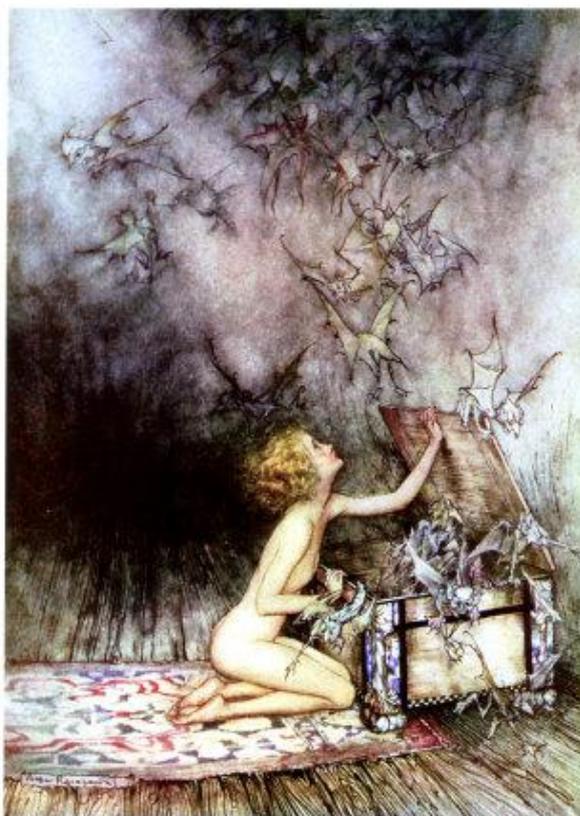


FIGURA 18 - A Caixa de Pandora

Fonte: http://www.allposters.com.br/-sp/A-Caixa-de-Pandora-posters_i1249470_.htm

2.9.2 Nacional

O ilustrador nacional Renato Alarcão representa, neste trabalho, a produção cultural nacional, na área de Ilustração, lembrando que o Brasil possui ilustradores de qualidade.

Renato Alarcão é considerado hoje um dos nomes mais representativos na Ilustração brasileira, segundo Oliveira (OLIVEIRA, I. 2008).

2.9.2.1 Renato Alarcão



FIGURA 19 - Renato Alarcão

Fonte: <http://www.ccf.trf2.gov.br/instit/noticias/ilustrandoemrevista.htm>

Renato Alarcão (FIG. 19), é brasileiro, formado em Design Gráfico pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado em Ilustração pela SVA – *School of Visual Arts de New York*. Estudou, também, no *The Center for Book Arts*, escola voltada para a tradição do Livro (ALARCÃO, 2011).

Como ilustrador, Alarcão tem uma carreira extensa, com publicações nos Jornais *The New York Times*, *Le Monde Diplomatique* e Folha de São Paulo. Ilustrou também livros infantis e juvenis para diversas editoras brasileiras e internacionais e revistas. Sua entrada no mercado editorial se deu em 1995 (ALARCÃO, 2011).

Participou de Exposições na AIGA – *American Institute for Graphic Arts*, na *American Society of Illustrators*, na *New York Public Library*, na BIB – Bial de Ilustradores de Bratislava e na cidade de Tóquio. Em Tóquio, Japão, recebeu o

prêmio NOMA para livros ilustrados, patrocinado pela UNESCO. (ALARCÃO, 2011).

Participou de diversas coletâneas de *sketchbooks*, em Portugal, Reino Unido e Holanda. Alarcão é professor de Artes Visuais e já deu palestras por todo o Brasil. Nos Estados Unidos, desenvolveu projetos de Arte-Educação em *New York* e *New Jersey*, como bolsista da *American For the Arts* e da *Mid Atlantic Arts Foundation* (ALARCÃO, 2011).

Suas dinâmicas criativas com equipes de empresas já atenderam clientes como: Editora Abril, Jornal O Globo, Sociedade dos Ilustradores do Brasil, entre outros, além de centros de formação como SENAC (ALARCÃO, 2011).

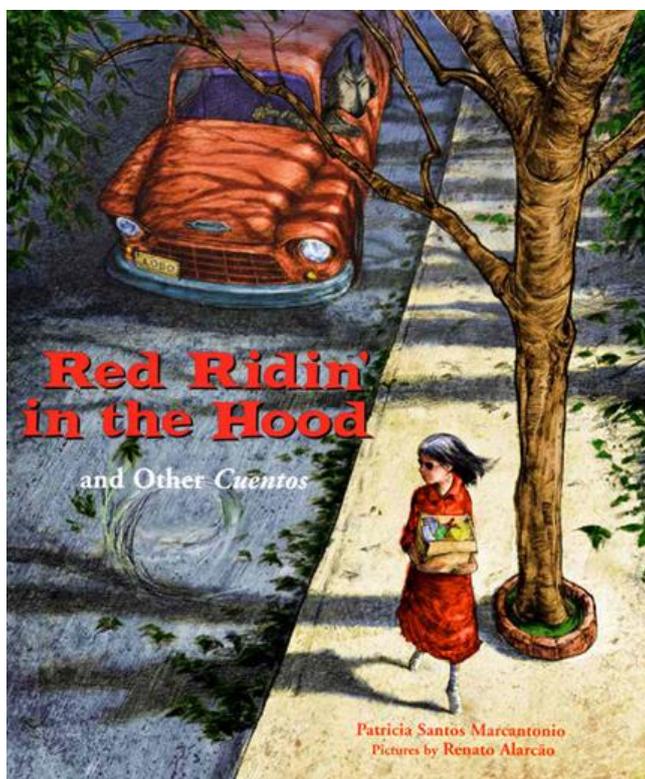


FIGURA 20 - Red Ridin' in the Hood
Fonte: <http://www.renatoalarcao.com.br/>



FIGURA 21 - Lanterna dos Afogados
Fonte: <http://www.renatoalarcao.com.br/>



FIGURA 22 - Cartomante
Fonte: <http://www.renatoalarcao.com.br/>

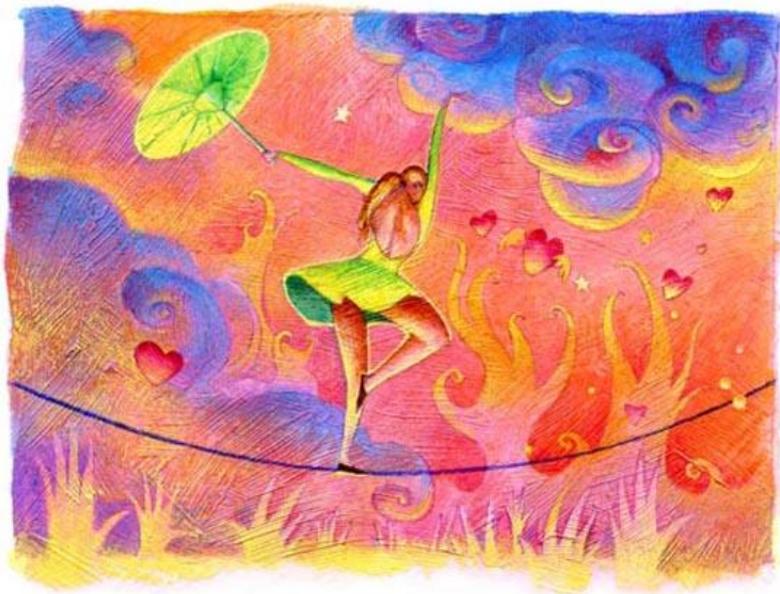


FIGURA 23 - A moça do arame
Fonte: <http://www.renatoalarcao.com.br/>

2.9.3 Municipal

Conhecer e divulgar os ilustradores municipais valoriza a cultura local. Eles estão mais próximos dos alunos e de sua realidade. Isto possibilita uma interação maior e incentivo ao estudo e à produção de ilustrações.

A escolha do ilustrador municipal foi por Osório Garcia. Apesar de não morar em Formiga, Osório está sempre presente na cidade, participando de eventos e expondo seus trabalhos em lugares variados.

2.9.3.1 Osório Garcia

Osório Garcia (FIG. 24) nasceu em Formiga - MG, Brasil, em 1966. É artista autodidata, escultor, escritor e ilustrador de literatura Infantil. Viveu metade da sua vida seguindo seu pai, que trabalhava como administrador de empresas. Morou em oito estados do Brasil, onze cidades diferentes e no Congo Belga, na África Central, por dois anos, antes de voltar para Minas (SORRENTINO, 2010).



FIGURA 24 - Osório Garcia

Fonte: http://blogdislexico.blogspot.com/2010/02/blog-post_14.html

Em entrevista com Sorrentino (2010), Garcia Conta que teve muita dificuldade na escola, principalmente por causa as frequentes mudanças e necessidade de readaptação, sendo disléxico, mas teve grande facilidade no desenho e nas artes. Um dia, resolveu procurar emprego numa agência de publicidade e foi aceito pelo seu bom desenho.

Quando sua filha, Gabriela, nasceu, comprava muitos livros que lia para ela. Sentiu-se incentivado e começou a “ensaiar” alguns desenhos infantis. Procurou algumas editoras e, devagar, foi conquistando seu espaço como ilustrador. Ilustrou vários livros didáticos, para-didáticos e de literatura, e está no mercado editorial há 16 anos (SORRENTINO, 2010).

Garcia se sentiu influenciado pelos livros que ilustrava e resolveu escrever os seus próprios. Escreveu e ilustrou 12 livros. São eles: “Guerra por quê?” (FIG. 26), “A Bruxinha de Pano”, “Quatro Olhos” (FIG. 25), “Avó maluca Lelé da Cuca e avó pirada da pá virada”, “A Barriga do Rei”, “Fugindo de Banho”, “História da calça Afonso”, “História de pescador”, “Memórias de um tênis”, “Menino”, “O Pato Pastel” e “Rufina” (SORRENTINO, 2010).

Quando voltou para Minas Gerais, Garcia passou a morar em Lagoa Santa, onde coordena projetos junto à Secretaria de Turismo e Cultura da cidade (SORRENTINO, 2010).

A possibilidade de morar em uma casa permitiu-lhe montar um ateliê, onde está se especializando em esculturas em estilo semelhante ao da *Arte Povera* (SORRENTINO, 2010).

Como artista plástico, produziu recentemente 28 integrantes de terno de Congo em ferro, cada um com 60 centímetros de altura. Atualmente, desenvolve um *blog* que é uma proposta de priorização do uso de materiais descartados na confecção de peças de arte, incentivando a criação e a reciclagem. Nele expõe inúmeros trabalhos que fez, utilizando sucatas (SORRENTINO, 2010) (GARCIA, 2011).

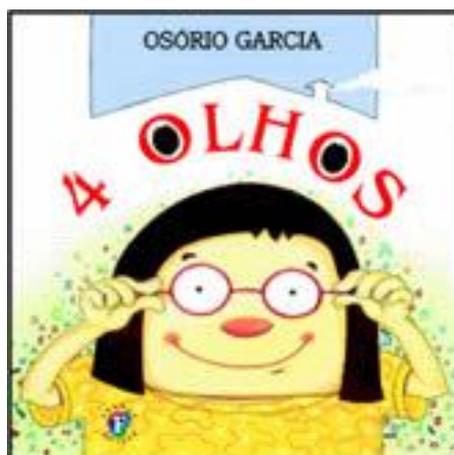


FIGURA 25 - Quatro Olhos

Fonte: http://www.francoeditora.com.br/colecoes_arcoiris_4olhos.php

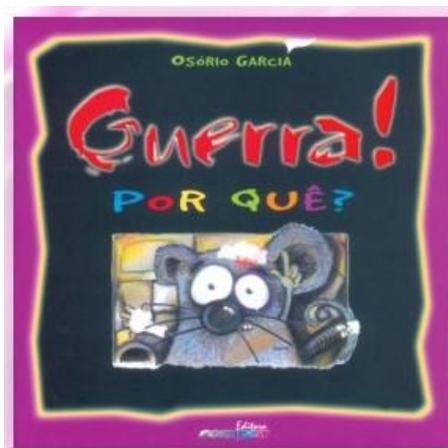


FIGURA 26 - Guerra! Por quê?

Fonte: <http://www.comporeditora.com.br/catalogo/leitor-em-processo>

CAPÍTULO 3 – O Potencial didático da ilustração

3.1 Motivações para a utilização da Ilustração como recurso didático

Por que usar a ilustração na sala de aula já que existem tantas outras formas de Artes Visuais?

A Ilustração é uma área muito rica, permitindo ao aluno expressar-se por meio de uma infinidade de técnicas e materiais. Além disso, existe a facilidade na aquisição de materiais para realização dos trabalhos, lembrando que, hoje em dia, materiais recicláveis podem virar arte.

O aluno poderá conhecer as bases da Ilustração, sua estrutura, composição, elementos que a caracterizam, e, desta forma, compreenderá melhor as mensagens das imagens e aprenderá a compor melhor suas imagens.

O ensino dos conceitos, da História da Ilustração, dos ilustradores reconhecidos, das áreas de atuação de um profissional e tipos de ilustração, pode levar o aluno a se despertar para esta área artística e também induzi-lo a valorizar mais, não somente este tipo de arte, mas todas as outras.

A facilidade com materiais de referência é grande, já que as escolas já possuem, normalmente, um acervo de livros didáticos e literários, jornais e revistas com ilustrações de qualidade.

Ao abordar temas variados nas ilustrações de histórias e ideias propostas, os alunos poderão adquirir, através das pesquisas referenciadas, conhecimentos de áreas variadas e da Ilustração.

O fato de a Ilustração despertar a imaginação leva o leitor/observador a ter um gosto pela mesma desde pequeno. A vantagem do gosto da criança pela Ilustração facilita sua aproximação com os conteúdos e atividades propostos. A escola tem grande influência nessa questão, por permitir ao aluno o acesso a livros de literatura e didáticos.

3.2 Levantamento de atividades para aplicação em sala de aula

Foi realizado um levantamento, na internet, de planos de aula voltados para a ilustração nas aulas de Arte. O material encontrado é descrito a seguir.

A Revista Nova Escola (2011) propõe três planos de aula voltados especificamente para a Ilustração: “Ilustração de texto”, “Transformando ilustrações” e “Análise de referências”. Propõe, ainda, planos voltados para a visualização e interpretação da imagem como “Um mundo de imagens para ler” e “Um cotidiano de imagens”. O plano “Outdoor: convencer em poucas palavras”, apesar de voltado para a área de Português, engloba a ilustração. A Revista oferece também um pequeno vídeo sobre “A leitura das imagens e ilustrações de livros”. O vídeo apresenta uma reflexão sobre a importância das imagens e ilustrações nas páginas de livros literários.

Além dos planos de aula voltados especificamente para a ilustração, o professor pode se utilizar de planos voltados para as Artes Visuais, com temáticas estudadas também na Ilustração como teoria da cor, luz e sombra, composição, perspectiva, entre outros, encontrados facilmente na internet.

3.3 Levantamento de materiais recicláveis de fácil acesso e utilização em sala de aula

A maior parte das escolas não possui verbas para a compra de materiais para as aulas de Arte, e os alunos não têm condições de adquiri-los. Os materiais recicláveis tornam-se uma boa opção para o trabalho em sala de aula, pois são de fácil acesso e gratuitos. Com criatividade e pesquisa, o material pode se transformar em arte de boa qualidade, como mostram as figuras abaixo. A figura 27 é uma obra de Erika Simmons e foi construída utilizando fitas cassete. A figura 28, do artista Zac Freeman, utiliza lixos domésticos como tampas de garrafa, pregos, pedaços de teclado de computador, botões, entre outros materiais. A Figura 29 é uma releitura da “Menina do brinco de pérola”, de Vermeer, tampinha de garrafa, feito por Molly B Right. Por fim, a figura 30 é uma ilustração de Osório Garcia, feita de tampinhas, pregos, madeira, anel de lata de refrigerante, régua e arames.



FIGURA 27 - Bob Dylan

Fonte: <http://www.gomediazine.com/design-articles/interviews/erika-simmons-ghost-in-the-machine/>



FIGURA 28 - Travis

Fonte: <http://www.zacfreemanart.com/artwork.html>

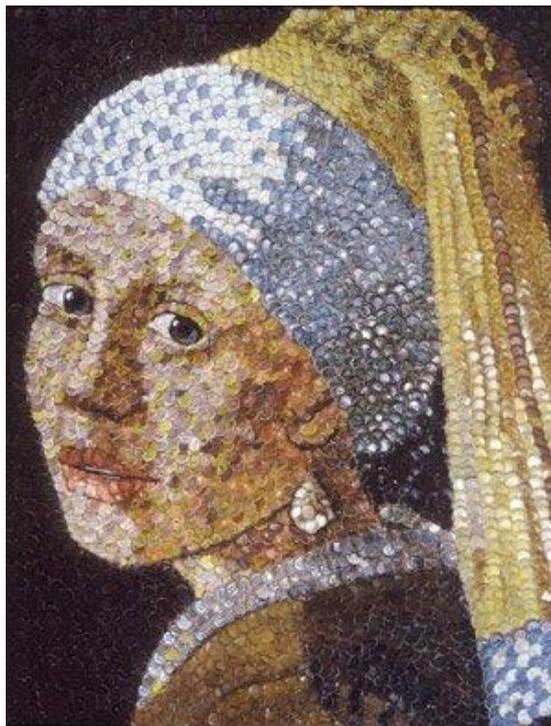


FIGURA 29 - A menina do brinco de pérola
 Fonte: <http://mybluehydrangea.blogspot.com/2009/07/molly-b-right.html>

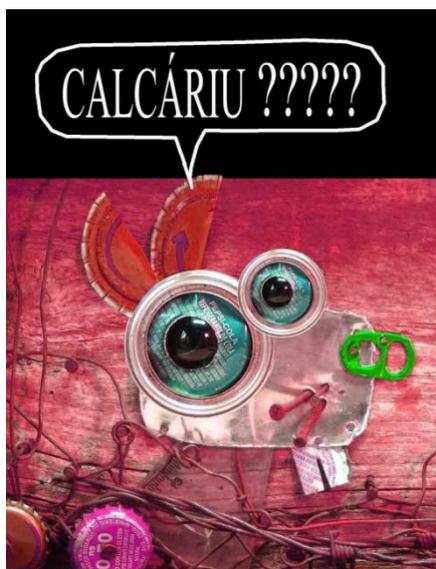


FIGURA 30 - Calcáriu
 Fonte: http://blogdislexico.blogspot.com/2010_08_01_archive.html

Como base para as ilustrações, podem ser usados restos de MDF ou madeiras, papelões, papéis de tipos variados, como os papéis de embrulho, capa de caderno de desenho, jornais, restos de papéis de gráficas, entre outros.

Caixas de papelão, caixinhas de papelão fino, como as de remédio e de produtos de beleza e higiene, jornais, papel branco, revistas, barbantes, tecidos, materiais de plástico como vasilhames, a famosa garrafa pet, rolos de papelão,

filtros de café, tampinhas de garrafa, cartões coloridos em papéis com gramatura maior para fazer mosaicos, latinhas de massa de tomates, fitas cassete, restos de MDF, livros velhos, cartas de baralhos, embalagens longa vida, restos de emborrachados EVA (Ethil Vinil Acetat), botões, restos de brinquedos, brinquedos velhos, bijuterias, grãos coloridos, mostruários de materiais como azulejos, lonas, tecidos, etc., fios, arames, telas, embalagens de produtos de beleza, maquiagens de data de validade vencidas, e mais uma infinidade de materiais podem ser usados na construção de ilustrações. O contato com entidades que direcionam materiais recicláveis ajuda na aquisição destes materiais, como é o caso do SENAI em Formiga, que destina os materiais de empresas variadas para reutilização. Incentivar os alunos a recolher materiais e trazê-los para a sala de aula facilita a vida do professor.

Para referências de imagens, podem ser usados livros literários, didáticos, científicos, revistas de notícias, de moda, de arquitetura, de turismo, entre outras, revistinhas de quadrinhos, embalagens de produtos alimentícios, de beleza, cartazes de filmes, de eventos, capas de CDs, CD com imagens, filmes variados, fotografias, banco de imagens de obras de Arte, de ilustrações, entre outras.

3.4 Propostas de atividades de Ilustração para aulas de Arte

O aluno deve passar por situações de aprendizagem por toda a sua vida escolar, através do contato com a arte. As atividades que o professor propõe podem levá-lo a este contato.

A seguir, são propostas algumas atividades relacionadas à ilustração para aplicação em sala de aula, nas aulas de Arte.

3.4.1 Promover o ilustrador local

Levar o aluno a conhecer ilustradores da cidade onde mora pode levá-lo a valorizar mais a arte da Ilustração. A ideia de um ilustrador local leva o aluno a perceber que a ilustração não é algo distante, mas é uma realidade e está mais próxima do que imagina.

Uma sugestão de atividade é a exposição das obras ou de reproduções das obras de um ilustrador, que pode ser planejada e montada pelos alunos

juntamente com o professor. A exposição pode ser montada na escola, em um local aberto a visitação. Podem ser confeccionados cartazes contando sobre a vida e obra do ilustrador.

Realizar uma entrevista com um ilustrador, quando existe a possibilidade, também leva o aluno ao contato com o mundo da ilustração. O ilustrador contará como iniciou suas atividades, como surgiu seu gosto pela ilustração, como aprendeu a confeccioná-las, etc. Se não for possível que o ilustrador vá à escola, os alunos podem entrevistá-lo através de e-mail.

Analisar uma obra do ilustrador local, apresentada em projetor, livros ou numa impressão, considerando o contexto em que está inserida, o material com que foi feita, a composição, as cores, entre outras.

Fazer uma releitura de uma obra do ilustrador local, sugerindo materiais e formas diferentes.

3.4.2 A Ilustração pelo mundo

O professor pode propor uma pesquisa sobre a história da ilustração no mundo. A pesquisa pode ser direcionada, estabelecendo nomes de ilustradores de destaque ou acontecimentos importantes para a ilustração.

Criar uma linha do tempo na parede da sala. Cada aluno ou grupo de alunos, irá pesquisar sobre ilustradores consagrados, época ou acontecimentos importantes e o contexto histórico. Deverão preparar um material que mostre de forma resumida o que estudaram, podendo conter texto e figuras, para colar na parede. Os alunos podem explicar aos outros alunos sobre a pesquisa realizada antes de colá-la na parede.

3.4.3 A ilustração no Brasil

Propor pesquisa sobre a Ilustração de Cordel e a criação de um livro com literatura e ilustração de Cordel, com temática da região onde o aluno mora.

Estudar as ilustrações de Voltolino nos livros de Monteiro Lobato e as variações que os personagens sofreram ao longo do tempo, sendo desenhados por outros ilustradores.

3.4.4 Teoria e prática da ilustração

Disponibilizar alguns textos sem ilustrações e pedir aos alunos que escolham um e o transformem em um livro. O professor pode orientá-los na sua confecção, instruí-los a lerem primeiramente o texto, definir o público alvo, a técnica a ser utilizada, o formato que o livro pode ter, número de páginas, tamanho das ilustrações em cada página, a composição, etc. O professor deve incentivá-los a buscar referências de imagens e cores em obras de ilustradores de destaque ou em fotografias.

A confecção de um livro sobre histórias do cotidiano do aluno, como histórias folclóricas da cidade ou do bairro onde mora, temas de sua infância, leva à construção de imagens que se ligam a seus conhecimentos, vivência e imaginário.

Permitir que os alunos experimentem diferentes técnicas de produção de ilustrações, como, por exemplo, a colagem, a ilustração com materiais recicláveis, uma pintura ou um desenho a carvão, é importante.

A explicação dos elementos que compõem uma ilustração, tons e cores, ritmo, linha, luz, perspectiva, o espaço físico, o cenário e a composição é necessária. Para isso, os alunos podem ir para a biblioteca e procurar exemplos do que foi explicado nas ilustrações de livros.

Para estudar as áreas da Ilustração, o professor pode pedir ao aluno que traga de casa um número de ilustrações, cada uma diferente da outra, encontradas em materiais de fácil acesso, como embalagens, revistas, jornais, livros, materiais publicitários, entre outros. Em sala de aula, o aluno fará uma apresentação do material que trouxe, analisando-o, considerando técnicas, materiais, elementos, composição e tipo de ilustração.

Como no desenho, para incentivar a criação de ilustrações, o professor pode induzir o aluno a criar seu “Diário Gráfico”, cadernos de “rascunhos”, usados por desenhistas, ilustradores e outros artistas, onde desenharam ou anotam ideias interessantes. Neste caderno, o aluno fará suas anotações e criações, no espaço e momento em que se sentir inspirado. Ele poderá utilizar a técnica e material que escolher. Os temas podem ser os mais variados possíveis, como criação de cenários, de personagens, entre outros. Ao final, poder ser proposta uma exposição dos Diários Gráficos. Para a apresentação do tema, o professor pode

apresentar *slides* com fotos de Diários Gráficos de ilustradores reconhecidos, como, por exemplo, do Renato Alarcão.

A criação de personagens é um assunto curioso para se tratar em sala de aula. O aluno poderá usar fotos de pessoas, tiradas de jornais e revistas ,para criá-lo. Pode descrever seu personagem antes de começar o desenho, seu tipo físico, suas características, sua personalidade, seu estilo, onde mora, suas atividades, seu convívio social. Diante das informações, ele irá pesquisar seu vestuário, corte de cabelo e penteado, expressões, etc. Para fazer o desenho, o professor pode instruí-lo a fazer esboços, e, posteriormente, acrescentar os detalhes.

As referências visuais são muito úteis nas aulas sobre ilustração. A criação de um acervo de referências não é tarefa muito difícil. Fazer uma campanha com os alunos para coletar materiais resulta, ao longo do tempo, em um bom acervo. Podem ser coletados filmes variados, fotografias, banco de imagens de obras de arte, de ilustrações, entre outras referências.

3.5 Formas de avaliação da aprendizagem

O professor poderá avaliar a participação dos alunos nas montagens e desmontagens das exposições de ilustrações, os trabalhos realizados em casa, considerando a busca por materiais para confecção de ilustrações, busca por referências, pesquisas, entre outros.

Os conteúdos expostos em sala de aula podem ser cobrados em provas abertas ou fechadas. Podem ser avaliados os conceitos, o histórico da Ilustração, ilustradores reconhecidos, obras, materiais, técnicas, entre outros assuntos trabalhados.

As atividades práticas podem ter, em anexo, uma folha onde o aluno vai explanar sobre sua obra, nome da obra, a que texto ou ideia atende, que cores usou, quais os elementos a compõem, tipo de composição, se usou referências e qual ideia quis passar ao leitor/ observador. São alguns pontos que podem ser avaliados, além do empenho do aluno e do capricho.

Provas abertas, em que o aluno possa expor de forma livre o que entendeu do conteúdo ensinado, podem mostrar o que o aluno conseguiu captar.

Preparar o material que será usado em aula e ajudar a guardar, mantendo a sala arrumada, deve ser itens a serem avaliados, auxiliares no disciplinar os alunos, facilitando o trabalho do professor e tornando os alunos organizados e responsáveis.

Conclusão

A ideia de fazer esta monografia sobre Ilustração surgiu de um interesse pessoal por este assunto e por perceber que é tão pouco explorado, apesar de possuir um grande potencial.

Inicialmente, tinha-se o intuito de fazer uma pesquisa de formas de aplicação da ilustração em sala de aula e utilizá-las. O tempo reduzido impediu a aplicação.

Ao iniciar a pesquisa sobre Ilustração, percebeu-se a dificuldade em encontrar materiais de pesquisa sobre o tema. Não existem livros ou textos acadêmicos nas bibliotecas locais, o que teria enriquecido a pesquisa. Não foram encontradas muitas fontes *on-line*, e as poucas encontradas, por vezes não eram confiáveis. Por este motivo, tentou-se concretizar o trabalho com o material disponível, sabendo, porém, que poderia ter sido feito mais e melhor em outras circunstâncias, em se tratando de assunto tão rico e diversificado.

Por perceber a dificuldade com materiais de referência, surgiu a vontade de aprofundar a pesquisa, tornando-a mais longa, com o intuito de servir de referência a professores e outros interessados pela área, a fim de facilitar seu estudo e incentivar a aplicação em sala de aula.

Só foi encontrado um *site* confiável, na pesquisa de planos de aula e formas de aplicação da ilustração em sala de aula. Apesar disso, o resultado é considerado positivo, pela qualidade das propostas, que poderão gerar novas idéias.

Apesar das dificuldades, o trabalho serviu para alargar os conhecimentos na área, aumentando o interesse pelo assunto.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Renato. As diferentes técnicas de ilustração. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008. p. 61-73.

ALARCÃO, Renato. **Bio: Ilustrar é contar histórias através de imagens**. Disponível em: <<http://www.renatoalarcao.com.br/site.htm>>. Acesso em 14 jun. 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Guia do Ilustrador**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/48871500/PROPOSTA-CURRICULAR-ENSINO-DA-ARTE-E-MEDIO>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

BIAZETTO, Cristina. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.) **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008. p. 75-91.

BIBIANO, Bianca. Produção de Ilustrações: apresente aos estudantes a ilustração, uma importante linguagem que frequentemente aparece em livros e outros suportes de texto. **Nova Escola**. n.º. 236, out. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/producao-ilustracoes-desenho-pintura-arte-602320.shtml>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso: 20 maio 2011.

CASTANHA, Marilda. A linguagem visual no livro sem texto. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008. p. 141-161.

CENTRO DE REFERÊNCIA VIRTUAL DO PROFESSOR. **Eixo temático II: conhecimento e expressão em artes visuais**. Arte: ensino médio. [20--]. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/minicursos/arte_em/cap_eixo_II.htm>. Acesso em: 14 jun. 2011.

CENTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA OSWALDO GOELDI. **A Gravura**. Disponível em: <<http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=agravura>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

CRUSH, Lawrence Zeegen; **Fundamentos de Ilustração**: Como gerar idéias, interpretar briefings e se promover. Uma exploração dos aspectos práticos, filosóficos e profissionais do mundo da ilustração digital e analógica. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. **Arte Rupestre**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=5354>. Acesso em: 14 jun. 2011.

FERRAZ, Maria Heloisa de Toledo; IAVELBERG, Rosa. Arte. In: **PCN+ Ensino Médio**: Linguagens, Códigos e suas tecnologias: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF. Ministério de Educação e do Desporto. V. 3. p. 179-205. Disponível em: <http://www.cienciamao.usp.br/dados/pcn/_linguagenscodigoseseuastecnologiaspcn-ensinomedio.arquivo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

FERRAZ, Maria Heloisa de Toledo; BREIM, Ricardo; IAVELBERG, Rosa. C. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto. 1996. Disponível em: <http://www.cespe.unb.br/vestibular/1VEST2010/GuiaDoVestibulando/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

FREITAS, Neli Klix; ZIMMERMANN, Análise. **A ilustração de livros infantis**: uma retrospectiva histórica. [20--]. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/humanas/Neli%20-%20Anelise.pdf>. Acesso em 14 jun. 2011.

FONSECA, Edi. **A leitura das imagens e ilustração de livros**. Nova Escola. Vídeo. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/leitura-imagens-431334.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

FUMDHAM. **Pintura Rupestre**. Disponível em: <<http://www.fumdam.org.br/pinturas.asp>>. Acesso em 14 jun. 2011.

GARCIA, Osório. **Dislética**, Oficina de Arte Contemporânea. Disponível em: <<http://blogdislexico.blogspot.com/>>. Acesso em 16 jun: 2011.

GOUTHIER, Juliana. **História do Ensino da Arte no Brasil**, A trajetória do Ensino de Arte no Brasil, desde a chegada dos jesuítas às práticas contemporâneas. Curso de Especialização em Artes Visuais a distância. v. 1. 20-- . Apostila.

LOOMIS, Andrew. **Creative illustration**. New York: The Viking Press, 1947.

MINH, Lai. **Arthur Rackham Biography**: Rackham, Arthur ilustrador britânico, 1867-1939. Nocloo. Disponível em: <<http://www.nocloo.com/home/Biography/>>

arthur-rackham-biography.html>. Acesso em: 12 jun. 2011.

MOTA, Flávio Roberto. **A realidade do Mercado de Ilustração**. São Paulo: Fórum Nacional de Direito Autoral. 2008. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2008/09/palestra_flavio_mota_mesa6.pdf> Acesso em: 14 jun. 2011.

NOVA ESCOLA. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

OLIVEIRA, Rui. **Pelos Jardins Boboli**: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

OLIVEIRA, Rui de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008. p. 13-47.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa; CUNHA, Evandro José Lemos da; MOURA, José Adolfo. **Arte**: Ensinos Fundamental e Médio. CBC. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. [200-]. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/48871500/PROPOSTA-CURRICULAR-ENSINO-DA-ARTE-E-MEDIO>>. Acesso em: 24 maio. 2011.

PORTAL EMDIV. **Iluminuras**: Antiga Pintura de Feição Miniaturista. Disponível em: <<http://www.emdiv.com.br/pt/arte/enciclopediadaarte/1862-iluminura-antiga-pintura-de-feicao-miniaturista.html>> Acesso em: 15 jun. 2011.

PRIBERAM. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em: <WWW.pribeberam.pt/DLPO/>. Acesso em 27 mar. 2011.

SABOIA, Lídia. **Gravura**: História, técnicas e relações com a impressão de papel moeda. SCRID. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51275576/9/Gravura-em-Metal-%E2%80%93-Tecnicas>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

SORRENTINO, Walter. **A alegria de nosso povo é negra**. Blog do Sorrentino, projetos para o Brasil. Jun. 2010. Disponível em: <<http://www.waltersorrentino.com.br/2010/06/11/a-alegria-de-nosso-povo-e-negra/>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

VADEBONCOEUR, Jim. **Arthur Rackham**. Been Publishing, I'm Back. Disponível em: <<http://www.bpib.com/illustrat/rackham.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

WERNER. **Iluminuras Góticas**. AULA DE ARTE. Disponível em:
<http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/gotico_iluminuras.htm>. Acesso em: 10 jul 2011.